

Rural Semanal

Informativo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

ANO XXIV - nº 09 - 28 de junho a 5 de julho de 2017



UFRRJ

História da Baixada

IM disponibiliza documentos da região em plataforma digital **P.4**

Opção pelo bem-estar

UFRRJ debate métodos alternativos ao uso de animais no ensino **P.6**



UFRRJ

Internacionalização

UFRRJ trata como estratégica a cooperação com instituições estrangeiras **P.5**



Nossa instituição tem uma inserção internacional incipiente, com poucos convênios e um fluxo relativamente baixo de missões de trabalho e estudo. Poucos de nossos discentes, docentes e técnicos se deslocam a outros países para qualificação e aperfeiçoamento. Baixa também é a procura da nossa instituição por estudantes de outros países. Esta postura pode custar um elevado preço ao efetivarmos o Programa 'Mais ciência, mais desenvolvimento' da Capes. Nele, prevê-se a saída de estudantes de graduação com participação em projetos de iniciação científica para universidades com as quais temos algum termo de cooperação ou convênio. O fomento à internacionalização dos nossos programas de pós-graduação estará condicionado à existência de um plano institucional que inclua uma estratégia de estabelecimento de parcerias internacionais. De outro lado, urge preparar nossa instituição para poder receber, a cada dia, um maior número de estudantes e pesquisadores de outros países.

Recentemente, recuperamos recursos do Tesouro Nacional, via restos a pagar, na ordem de R\$ 180 mil. Um valor irrisório para manutenção ou obras necessárias, mas suficiente para iniciarmos, de maneira mais agressiva, o processo de recuperação desse passivo acadêmico. Assim, aprovou-se cerca de três dezenas de projetos de curta duração para vários países.

Em paralelo, decidimos fortalecer, também com recursos próprios, o Programa Idiomas sem Fronteiras com a contratação de professores de francês, espanhol e português para estrangeiros, a fim de promover aulas de idiomas para nossos alunos, servidores e estudantes internacionais. Pela primeira vez, a UFRRJ participará ativamente do programa internacional Bolsas Brasil – PAEC (Programa de Alianças para a Educação e a Capacitação), ao oferecer vagas de pós-graduação para estudantes de países da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Finalmente, esperamos aprovar o "Plano de Internacionalização da UFRRJ", que deverá consagra-la como política institucional. São ações que, neste primeiro momento, indicam nossa determinação de fortalecer e avançar, significativamente, no processo de internacionalização. ■

Opinião

Por uma ciência democrática

Joshua Dylan Moyse, estudante de Medicina Veterinária/UFRRJ

Numa universidade, educação é a palavra-chave. O reconhecimento das instituições de ensino superior como um dos pilares centrais na transformação da sociedade nos remete a discussões acerca de democracia e ensino inclusivo. E de fato, a boa ciência ambiciona níveis cada vez maiores de refinamento democrático. No entanto, é relativamente frequente a constatação de situações contrárias a estes princípios em nossa instituição. Embora muitos trabalhem arduamente pelo progresso da Rural, ainda são fartos os relatos de abusos, assédios, discriminação e outros tipos de violência sofridos por estudantes.

Conforme discentes avançam em seus cursos, constataam, perplexos, que vários de seus mestres, apesar de possuírem grande conhecimento em sua área, têm pouco compromisso com o desenvolvimento da educação. *Experts*, mas que, por não abraçarem a missão permanente que o educador tem em sempre desenvolver e aprimorar o processo de ensino aprendizagem em suas disciplinas, reproduzem aulas quase idênticas por décadas.

Quanto ao aprimoramento educacional, a Veterinária da Rural fez história no Brasil ao normatizar a objeção de consciência, proporcionando-nos imenso avanço em ensino inclusivo. Também conhecida como escusa de consciência, o direito é garantido pela Diretriz do Conselho Nacional de Controle da Experimentação Animal, e atua no sentido de impedir que perfis ideológicos constituam critérios para definir quais estudantes terão bom rendimento acadêmico, o que acontece de forma implícita e oculta na práxis universitária. Isto é de extrema importância para a ciência, pois permite a pluralidade de idéias na sala de aula e estimula o pensamento crítico. Os que, fugindo ao dever docente em trabalhar o desenvolvimento permanente de práticas de ensino mais inclusivas, se opõem à normatização do citado direito serão lembrados por optarem pela docência inerte ao invés da inclusão estudantil.

Parabéns aos departamentos, Direção e Coordenação da Veterinária pela postura séria, construtiva e madura. Que a Biologia tenha a honradez de ser a próxima neste passo rumo à construção de uma ciência democrática. E parabéns aos incansáveis estudantes que lutam por uma Rural popular e justa.

Este espaço é destinado prioritariamente a colaborações da comunidade universitária. O texto deve ter título e nome completo do autor, com tamanho entre 25 e 30 linhas, fonte Arial 12 e espaçamento 1,5. As opiniões expressas são de responsabilidade exclusiva de seus autores. O material deve ser enviado para o e-mail comunicacao@ufrj.br. Também serão publicadas, esporadicamente, reproduções e adaptações de artigos de outras fontes.

Calendário acadêmico

Julho

- 17 a 21 – Provas optativas.
- 18 a 25 – Prazo para lançamento das notas finais no Sistema Acadêmico.
- 22 (sábado) – Término do primeiro período letivo de 2017.
- 25 (terça-feira) – Prazo final para divulgação das notas finais pelos departamentos.
- 26 (quarta-feira) – Início do recesso escolar.

Agosto

- 14 (segunda-feira) – Início do 2º período letivo de 2017.
- 21 a 25 – Semana reservada para colações de grau (previsão).

Setembro

- 7 (quinta-feira) – Feriado nacional (Independência).
- 11 (segunda-feira) – Término do prazo para renovação do trancamento de matrícula no Quiosque Alunos.

Línguas afiadas

Coordenador do 'Idiomas sem Fronteira', professor Anderson Gomes ressalta o papel do programa no processo de internacionalização da UFRRJ

Alessandra de Carvalho

Em janeiro de 2017, foi criada a Comissão de Política Linguística da UFRRJ com o objetivo de definir uma política institucional de idiomas. Participam dela o pró-reitor de Pós-Graduação Alexandre Fortes, o pró-reitor de Extensão Roberto Lelis e a pró-reitora adjunta de Graduação Waleska Giannini, além dos professores Anderson Gomes, Angela Bravin, Christian Dutilleux, Rosineide Guilherme. A comissão vem trabalhando para produzir um documento com propostas que consolidem o ensino de idiomas como aspecto fundamental na Universidade, além de fortalecer o processo de internacionalização em diferentes esferas da Rural.



Anderson Gomes: O primeiro passo para internacionalizar é fortalecer o ensino de línguas

O professor Anderson Gomes, coordenador do Idiomas sem Fronteiras desde 2013, explica ao **Rural Semanal** as metas e perspectivas para o ensino de línguas na instituição.

Quais são as principais metas de um política linguística para a Universidade?

Anderson Gomes - A principal meta é definir as principais estratégias de idiomas da Universidade para atender aos pressupostos da internacionalização do ensino, pesquisa e extensão, respeitando a diversidade cultural e a inclusão. Assim, sistematizamos ações de ensino de idiomas na UFRRJ e criamos um ambiente acadêmico plurilinguístico.

Qual o cenário hoje das universidades no Brasil nessa área?

A.G. - São poucas as universidades que já têm uma política linguística consolidada em nível institucional. Com o crescimento do Programa Idiomas Sem Fronteiras, agora praticamente todas as universidades federais terão que adotar uma política linguística para que sejam estabelecidas ações e metas específicas para o ensino de idiomas.

Em que fase está a produção do documento com as propostas para fortalecer ou consolidar essa área na UFRRJ? Você poderia destacar algum ponto já realizado ou as principais propostas?

A.G. - No momento, eu e os representantes de outras línguas estamos finalizando a parte do documento em que estabelecemos os principais conceitos linguísticos que guiam uma proposta tão importante como essa. A partir daí, estamos idealizando ações e metas que acreditamos que irão consolidar o ensino de línguas na UFRRJ. Depois disso, apresentaremos nosso trabalho para o restante da comissão que nos indicará a viabilidade institucional de colocar essas ações em prática.

Algumas das propostas que idealizamos são o uso de exames de proficiência do *IsF* como comprovante de competência linguística para graduação e pós, a validação de ações do *IsF* como atividade complementar ou para dispensa de disciplinas e a promoção na carreira para docentes ou técnicos-administrativos contabilizando a participação em cursos de idiomas. Todas essas propostas, logicamente, ainda têm de passar por vários setores da universidade para serem aprovadas.

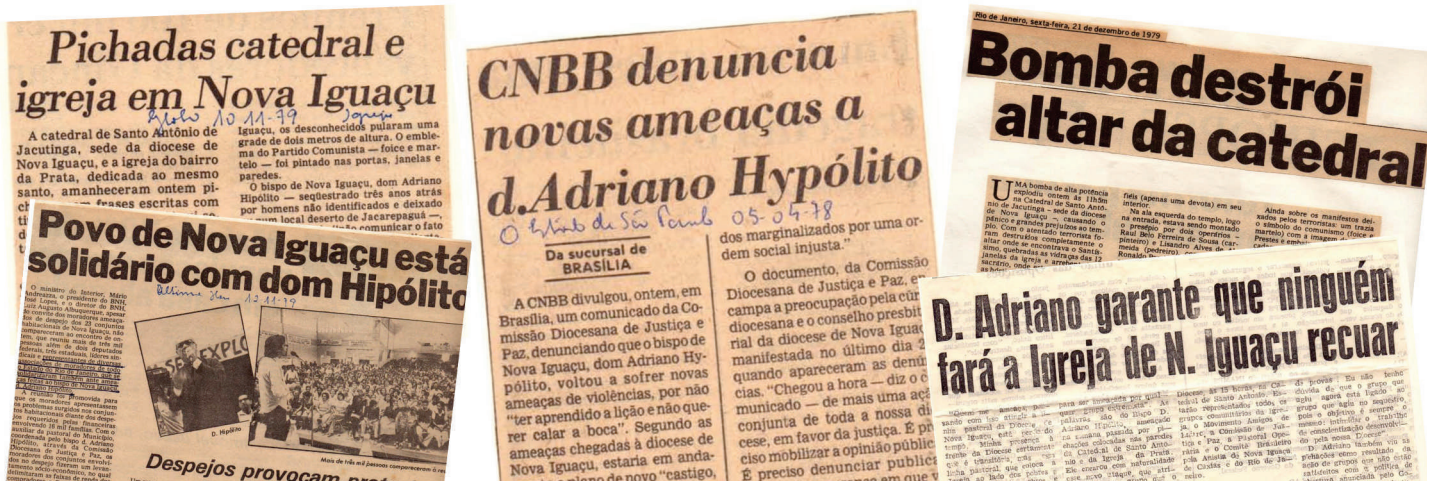
Uma das metas desse documento é estimular a internacionalização na UFRRJ. Como o projeto Idiomas sem Fronteiras se encaixa nesse objetivo?

A.G. - O primeiro passo para internacionalizar é fortalecer o ensino de línguas. Por isso, o Programa *IsF* é essencial para que a UFRRJ tenha uma política linguística que seja efetiva. Os cursos presenciais do *IsF* são todos voltados para um contexto acadêmico e, com isso,

prepara os alunos para a realidade universitária no exterior. Assim, mostramos que é possível também internacionalizar “em casa”, ou seja, mostramos que além de programas de mobilidade internacional, a internacionalização também passa pela preparação interna dos alunos anteriormente.

Você poderia fazer um diagnóstico sobre o Idiomas sem Fronteiras na UFRRJ desde a sua implantação?

A.G. - O programa começou bastante modesto, apenas vinculado à aplicação de testes de proficiência para candidatos do Ciência sem Fronteiras. Hoje tem vida própria, com aulas presenciais, aulas *online* de inglês e ações culturais abertas a toda a comunidade. A partir do segundo semestre de 2017, teremos aulas presenciais de outras línguas, e pretendemos oferecê-las em outros câmpus da UFRRJ também. Com a consolidação da política linguística e a vinculação do programa *IsF* à Coordenadoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais (Corin), o programa pretende se expandir e atender a cada vez mais alunos. Como até agora o nosso principal público foi o da graduação, um dos nossos maiores desafios é passar a atender de forma mais efetiva alunos de pós-graduação e técnico-administrativos, para que assim a aprendizagem de línguas seja realmente plena na UFRRJ. ■



História ao alcance de todos

IM/UFRRJ disponibiliza documentos históricos da Baixada em plataforma digital

Michelle Carneiro

Conhecer sua própria história é fundamental para um povo. Região com consolidada tradição oral, a Baixada Fluminense agora conta com acesso gratuito, por meio de plataforma digital, a documentos essenciais de sua história. A iniciativa é da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), que disponibilizou o material no Repositório do Instituto Multidisciplinar e Acervos (Rima), espaço privilegiado para arquivos sobre a região.

Lançado em novembro de 2016, o Repositório foi inicialmente concebido para constituir e difundir um conjunto de acervos sobre a história do trabalho no Brasil. O projeto “Centro de Referência em História do Trabalho”, coordenado pelo pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da UFRRJ Alexandre Fortes, então diretor do Instituto Multidisciplinar (IM), contou com financiamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) para criação da plataforma digital.

Durante a construção do projeto, Fortes percebeu o potencial da plataforma para divulgação não apenas dos materiais ligados à pesquisa que coordenava, mas também para difundir a produção acadêmica do campus Nova Iguaçu e dos acervos do seu Centro de Documentação e Imagem

(Cedim). Dessa maneira, o Repositório foi estruturado para permitir que os diversos departamentos e setores do IM disponibilizem seus materiais para consulta online.

“O repositório é uma ferramenta fundamental para dar visibilidade à produção acadêmica e aos acervos da UFRRJ, além de democratizar o acesso a essas fontes e fortalecer a nossa internacionalização, já que pode ser acessado de qualquer parte do mundo. Iniciamos no IM e com um foco na história da Baixada, em função da nossa inserção regional”, explica o pró-reitor.

Os bibliotecários do IM, Luiz Fernando Cavalcante e Rosângela Nascimento, destacam a relevância do projeto para a população. “O Repositório é uma ferramenta inovadora que devolve à sociedade de forma livre a informação científica produzida com recursos públicos, proporcionando também o compartilhamento da informação de forma mais rápida e significativa”, afirma Rosângela.

Destaque para a Baixada

O acervo digital do Rima disponibiliza importante registro da memória política e social da Baixada Fluminense. O trabalho de digitalização e catalogação de acervos pessoais e institucionais da região está a cargo do Centro de Documentação e Imagem do IM, que desde 2013 reúne, siste-

matiza, preserva e disponibiliza documentação sonora, visual e iconográfica sobre a área.

Um convênio firmado entre a Rural e a Diocese de Nova Iguaçu possibilitou o acesso ao arquivo da Cúria Diocesana da cidade, que contém documentos relativos à história de Dom Adriano Hypólito. O ex-arcebispo de Nova Iguaçu é importante personagem da resistência à Ditadura Militar e de atuação em defesa dos direitos humanos. A disponibilização *online* desse acervo permite a realização de pesquisas a partir de fontes até então inéditas ou de difícil acesso.

Boa parte dos documentos da Cúria já está disponível para consulta online no Rima; o restante continua sendo digitalizado e catalogado. Além desse acervo, também estão disponíveis coleções fotográficas sobre trabalhadores no Brasil, entrevistas concedidas a projetos de pesquisa do IM e periódicos, com destaque para o *Jornal da Baixada*, publicado entre os anos de 1979 e 80.

“A proposta do Cedim é disponibilizar periodicamente novos materiais na plataforma. A previsão é de que, ainda este ano, comecem a ser disponibilizadas as edições dos periódicos *Cadernos do Terceiro Mundo* e *Correio da Lavoura*, importante jornal de Nova Iguaçu que em 2017 completou 100 anos”, explica o bolsista de pós-doutorado do IM e integrante da equipe do Cedim, Felipe Ribeiro.

Arquivo. Recortes de jornais dos anos 1978 e 79 disponíveis para consulta e *download* no Rima

Especificidades da plataforma

O Rima utiliza o *software* aberto DSpace, que é adotado em repositórios de diversas instituições e se integra a uma rede internacional que permite trocas de informações entre as bases de dados. A plataforma digital da UFRRJ permite a submissão não apenas de textos, mas também de material multimídia, além de oferecer aos usuários uma interface amigável, a possibilidade de *download* de arquivos e um mecanismo de busca facilitado.

“O DSpace oferece aos usuários várias possibilidades de pesquisa dos conteúdos, seja pela navegação da estrutura hierárquica do acervo, seja pela busca por palavras-chave. Nos casos de documentos textuais, como arquivos PDF, por exemplo, também é implementada a busca por palavras extraídas do texto completo”, destaca o consultor técnico do Rima, Ricardo Campos.

O Repositório oferece condições técnicas para ser utilizado por toda a comunidade universitária. “Em breve levaremos aos conselhos superiores da UFRRJ a proposta de que o Repositório seja oficializado como um canal de difusão científica da Universidade como um todo”, conclui Alexandre Fortes.

Para conhecer o Rima, acesse: <http://repositorio.im.ufrj.br/>

Rural sem fronteiras

Reitoria define como estratégico o desenvolvimento de parcerias internacionais

João Henrique Oliveira

Com o encerramento do Ciência Sem Fronteiras (CSF), em abril deste ano, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) mudou a dinâmica do processo de internacionalização das universidades brasileiras. Um novo programa – o ‘Mais Ciência, Mais Desenvolvimento’ (MCMD) – exige que as instituições apresentem um plano de internacionalização para os próximos quatro anos. E se a graduação foi o foco do CSF – com seus alunos recebendo 79% das mais de 100 mil bolsas concedidas entre 2011 e 2015 – o MCMD dará prioridade a estudantes de mestrado e doutorado.

A fim de se adaptar a essa nova realidade, a UFRRJ se prepara para que esse processo faça parte de sua política estratégica. Com um grau de internacionalização ainda tímido, a Universidade começa a trabalhar para mudar esse quadro. “A Rural ainda olha muito para dentro de si própria e tem um número muito reduzido de parceiros internacionais”, reconheceu o reitor Ricardo Berbara. “Temos como meta estratégica a construção de parcerias que permitam não apenas que nossos alunos se desloquem para universidades de fora, mas que também passemos a receber estudantes estrangeiros”.

A Reitoria conta com o apoio da Coordenadoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais (Corin). Esta é a unidade responsável pela celebração de convênios, termos de cooperação, protocolos e instrumentos legais que formalizem os vínculos com instituições nacionais e estrangeiras. Seu coordenador é o professor José Luis Luque, que vem trabalhando pelo estabelecimento de uma política de internacionalização. “Queremos ouvir todos os setores da Universidade para construirmos esse plano”, afirmou Luque, acrescentando que a Corin vai realizar um seminário institucional, em novembro, para debater o tema com a comunidade acadêmica. O objetivo é a construção de um documento que será submetido à aprovação do Conselho Universitário (Consu).

Mão dupla

Para quem pensa que internacionalização significa apenas a ida

de estudantes, técnicos e professores ao exterior, Luque lembra que ela é uma “via de mão dupla”. “Uma ‘mão’ é aquela da mobilidade, através da qual os membros de nossa instituição procuram instituições qualificadas internacionalmente. A outra dinâmica é talvez o maior desafio: que as pessoas venham à Rural para se qualificarem. E temos potencial para isso, pelo menos em termos regionais. Países da OEA [Organização dos Estados Americanos] e os lusofalantes veem o Brasil como referência científico-tecnológica”.

Com o intuito de tornar mais internacional o próprio ambiente interno da UFRRJ, a Corin articulou a inclusão da Universidade, pela primeira vez, no Programa de Alianças para a Educação e a Capacitação (PAEC), uma cooperação entre a OEA e o Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB). Através do programa, as instituições brasileiras recebem estudantes de pós-graduação vindos dos países-membros da OEA. Outra iniciativa é a inauguração de uma nova Casa de Hóspedes, que receberá visitantes estrangeiros e de outras instituições do Brasil.

Com o programa MCMD focado em mestrado, doutorado e iniciação científica, a Corin também investe numa parceria mais ativa com a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPPG).

Uma das ações mais recentes da dupla foi o lançamento do Edital de Apoio à Internacionalização da Pós-Graduação, que teve resultado divulgado neste

mês (saiba mais em <https://goo.gl/79HZwg>). Foram recebidas 82 propostas de professores e estudantes, que solicitavam recursos para atividades no exterior. De acordo com os critérios de avaliação e fatores como os limites de disponibilidade orçamentária, foram contempladas 27 solicitações.

Idiomas

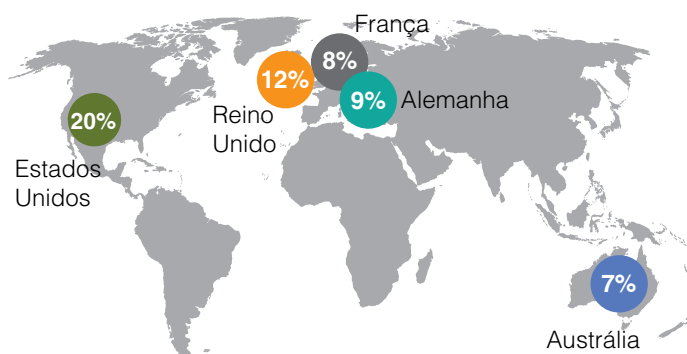
Outra tarefa fundamental no processo de internacionalização é o desenvolvimento de cursos de idiomas na Rural. Nesse sentido, a Corin pretende solidificar a união com o programa Idioma Sem Fronteiras (ISF). “A Corin sempre foi uma parceira do ISF. A partir de agora, esse trabalho será ainda mais sólido em termos não só institucionais, mas também de caráter prático, com uma maior vinculação dos cursos ao processo de internacionalização”, comentou o professor Anderson Gomes, coordenador do ISF na Rural.

O ISF oferece aulas online pelo site ‘My English Online’ e

curso presenciais de inglês pelo Núcleo de Línguas (NucLi/UFRRJ). No próximo semestre, serão ofertadas aulas presenciais de francês com um professor nativo, além de aulas de espanhol e português para estrangeiros (mais informações em www.facebook.com/isfufrrj).

De acordo Luque, a tarefa de construir uma Rural sem fronteiras é importante, mesmo em tempos de recursos limitados. “Há muita coisa que pode ser feita com pouco dinheiro. Por exemplo, há muita interação e fluxo de informação entre os coordenadores de relações internacionais das universidades aqui no país. Não preciso ir à Europa para saber das oportunidades”, argumentou o coordenador, que firmou a inclusão da UFRRJ no PAEC-OEA num evento em Brasília. “Vou me empenhar para mostrar que, mesmo em tempos de crise, a internacionalização é importante e possível. A Rural não pode ficar para trás.” ■

Países que mais recebem estudantes estrangeiros (dados de 2007)



Fonte: OCDE, “Education at a glance” (<https://goo.gl/9hC5eV>)

Internacionalização na UFRRJ



Fonte: Corin/UFRRJ

As 10 universidades com maiores índices de internacionalização (dados de 2014)

Posição - Instituição (país) – nota de projeção internacional

1º École Polytechnique Fédérale de Lausanne (Suíça) 98,2	6º Imperial College London (Reino Unido) 91,8
2º ETH Zürich (Suíça) 96,7	7º Universidade Nacional Australiana (Austrália) 91,4
Universidade de Genebra (Suíça) 96,7	Universidade de Innsbruck (Áustria) 91,4
4º Universidade Nacional de Singapura 94,3	9º Universidade de Basileia (Suíça) 91,1
5º Royal Holloway, Universidade de	Universidade Macquarie (Austrália) 91,1

Fonte: Exame/Times Higher Education (<https://goo.gl/SgRbYm>)

Direito de escolha

IV avança na regulamentação de métodos alternativos no uso de animas

José Adriano Jr

Aquisição de habilidades e conhecimentos práticos na formação de Medicina Veterinária na UFRRJ está sendo construída para boa formação técnica do profissional da área, sem esquecer o bem-estar animal e humano. Esse pensamento se fez possível a partir dos anseios da comunidade de estudantes que são contra ao uso de animais no ensino de forma prejudicial.



Modelo. Professor Saulo Andrade explica um dos procedimentos com auxílio de peças que mimetizam o animal

O amor pelos animais é um dos argumentos de estudantes de Medicina Veterinária quando perguntados sobre o motivo de ingresso no curso. A objeção de consciência lhes garante o direito de não cumprir atividades que vão ferir convicções morais, filosóficas ou humanísticas. O professor de Anatomia Animal, Luciano da Silva Alonso, do Instituto de Ciências Biológicas e Saúde (ICBS), legitima a luta dos alunos por uma responsabilidade técnica e legislativa, e vê avanços no ensino.

“Quando o aluno se dispõe a fazer a aula com o método alternativo, em função de não concordar com o método tradicional, a própria legislação garante a objeção de consciência. Assim, é obrigatória à instituição oferecer o método substitutivo para garantir ao estudante objeto condição de seguir no ensino sem prejuízo para sua formação”, argumentou o professor.

A validação dos métodos alternativos é vista como prejudicial à formação do estudante por quem defende os protocolos tradicionais da obtenção do conhecimento.

“Há possibilidade de aprender com métodos diversos na formação de Medicina Veterinária. Por exemplo, a utilização de animais vivos pode ser feita pela necessidade do animal em passar por algum tratamento de saúde.

Então, o estudante estará mais bem preparado quando se deparar com a prática, pois já treinou antes”, reforça o professor.

Favorável ao fim do uso prejudicial de animais no ensino, e baseado em parâmetros nacionais da Lei Arouca – que regulamenta o uso de animais em experimentos – o desenvolvimento científico também é fomentado sem afetar o bem-estar animal. Um exemplo é o projeto de extensão para obtenção de cadáveres eticamente fornecidos pelo Centro de Triagem de Animais Silvestres (Cetas-Ibama).

“A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão pode ser aplicada a partir dessas interações com os estudantes. De forma prática, um projeto de extensão que surgiu através da demanda de alunos objetores de consciência ao método tradicional gerou material didático para ensino, que está sendo oferecido para disciplinas de Anatomia Animal. E também está permitindo a pesquisa de animais silvestres que chegam em grande quantidade”, explica Alonso.

Nas aulas, é utilizada uma diversidade de peças criativas, em substituição às cobaias. O professor de Obstetria, Saulo Andrade Caldas, do Instituto de Veterinária (IV), desenvolveu uma vaca de madeira para suas aulas, evitando o incômodo ao animal nos momentos de prática.

“Eu e o professor Luiz Figueira Pinto tivemos a ideia de fazer a vaca de madeira, na busca de um método alternativo que mimetiza as manobras obstétricas. Os alunos podem fazer o treinamento nessas peças simuladoras e, quando for necessário fazer o procedimento para o benefício no animal vivo, já possuem uma boa noção técnica”, afirmou o professor de Obstetria.

Protagonismo estudantil

O grupo Katumbaia de direitos dos animais é um coletivo atuante na luta da objeção de consciência, juntamente com outros estudantes. Para o integrante do coletivo e aluno da Medicina Veterinária, Joshua Moisevitich, o direito à objeção garante a diversidade de crença na sala de aula.

“Quando um professor diz para o estudante ‘ou você usa animal ou você desiste do curso’, está colocando um critério ideológico para que o estudante possa participar. Se o aluno não concorda com uma determinada visão ou prática, ele abandona a graduação. Isso configura uma discriminação, pois o estudante está sendo impedido de exercer sua identidade sociocultural”, explica o estudante.

O primeiro processo administrativo de objeção de consciência na Rural foi em 2010, movido por quatro estudantes

da Veterinária. Posteriormente, outros processos apareceram, sendo três da Biologia.

Em 2015, outro pedido foi feito na Veterinária por 50 signatários, a maior objeção conjunta no Brasil. Esse movimento pressionou pela objeção de consciência, que possui embasamento na Constituição Federal e na legislação infraconstitucional. De acordo com o documento publicado em fevereiro de 2016, na Diretriz Brasileira para o Cuidado e a Utilização de Animais em Atividades de Ensino ou de Pesquisa Científica (DBCA) do Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (Concea), é dever de toda universidade fornecer métodos alternativos aos estudantes objetores.

A partir disso, o processo de 2015 tramita com fluidez. Formou-se uma comissão para tratar da regulamentação da objeção de consciência no âmbito da Veterinária. Além disso, foi produzido um regulamento que está em vias de aprovação.

“É um marco na história da UFRRJ e no Estado do Rio, pois é um dos primeiros cursos a regulamentar a objeção de consciência. Assim, permite a formação de profissionais diferenciados, e beneficia a ciência com a pluralidade de ideias”, conta o estudante. ■

Barata, sustentável e pouco explorada

Pesquisa do IM aponta que municípios da Baixada não investem no uso da bicicleta como alternativa de mobilidade urbana

Matheus Almeida de Brito Oliveira*

Nas cidades com transporte público deficiente, a alternativa mais utilizada é o transporte individual, o que significa mais carros nas ruas, vias ruins, e queda na qualidade de vida dos cidadãos. Os veículos particulares são responsáveis por 90% da poluição do ar. A dinâmica das cidades e o fator socioeconômico muitas vezes nos impõem a adoção desse sistema. Mas seria essa a melhor alternativa? A bicicleta tem sido uma boa resposta para resolver a circulação mais rápida e com mais benefícios à saúde.

A magrelinha na Baixada

Considerada por muitos apenas para o lazer, o uso da “magrela” no município de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, vai muito além. Ela é usada como meio complementar ou mesmo suplementar ao ônibus e ao trem, quando o cidadão se desloca no trajeto casa-trabalho e trabalho-casa, além de servir de comércio, transporte escolar e para ir às compras.

Fruto de um estudo sobre mobilidade urbana, a investigação “Cidade de ciclistas, mas não para ciclistas: a bicicleta como meio de transporte nos bairros de Comendador Soares e Austin em Nova Iguaçu-RJ” foi apresentada na Jornada de Iniciação Científica da UFRRJ, no ano passado. Os estudantes Djalma Navarro dos Santos, Filipe Emanuel da Silva e Flávia da Silva Souza, do Instituto Multidisciplinar (IM/UFR-RJ), em Nova Iguaçu, levaram um ano para concluir o trabalho, entre projeto, pesquisa e campo. Membros do Petgeo (Programa de Educação Tutorial) do IM, os alunos tiveram a tutoria da professora de Geografia Anita Loureiro Oliveira. O trabalho compôs o livro escrito pelo grupo, intitu-

lado “Ações culturais e a cidade”.

A ideia para o trabalho surgiu de suas próprias experiências como moradores, ao observarem a região onde vivem. O campo de estudo dos universitários foi os bairros de Comendador Soares e Austin, dois dos mais populosos e complexos territorialmente. O trânsito caótico na Via Light e em outras vias expressas no entorno da cidade poderia ser resolvido se houvesse políticas públicas eficientes para a adesão da bicicleta como meio de transporte, de acordo com as informações levantadas pelos estudantes. “O que falta é vontade política em reestruturar as políticas públicas de mobilidade urbana, vide São Paulo, que não vai dar continuidade (às iniciativas existentes) devido aos projetos voltados para os carros”, disse Djalma.

Além disso, os poucos espaços disponíveis para sua circulação são precários, falta sinalização e a infraestrutura é deficiente. As ciclovias acabam sendo ocupadas por pedestres, o que impede muitas vezes que os ciclistas trafeguem livremente. E se aventurar no meio da pista, nem pensar. Não há respeito por quem anda de bicicleta, em



‘Magrela’ em ação. Ciclista mensageiro em Londres

nenhum horário. “A não adesão se dá principalmente pelo receio das pessoas em estar em meio ao trânsito, e também pela falta de uma estrutura pensada, que interligue os meios de transporte mais convencionais com a bike”, contou Filipe.

Uma das vantagens da bicicleta nessa competição desigual em relação ao tempo é poder criar as próprias rotas. O trajeto que um ônibus faz em 1h28min, ela pode fazer em 48min.

Os bairros de Comendador Soares e Austin estão em desacordo com o Plano Nacional de Mobilidade Urbana, que regimenta ações para o uso da bicicleta. Nem a prefeitura da cidade e nem a SuperVia investem sequer na modernização e ampliação do espaço dos bicicletários, e a população precisa pagar pela guarda do veículo em espaços privados.

Ideias pelo mundo

Diversos estudos e pesquisas sobre os reflexos da utilização da bicicleta, como a dos estudantes do IM, surgem ao redor do mundo. O modal rodoviário, principalmente, está saturado e os índices de poluição do ar são muito

altos. As autoridades globais perceberam isso, e investem na adesão deste meio de transporte. Algumas iniciativas são bem interessantes. O site dinamarquês *Kopenhagenize* ranqueou em 2011 os países “amigos” da bicicleta. Embora a maioria se concentre em países desenvolvidos, Bogotá, na América do Sul, aparece em vigésimo lugar na lista, onde os espaços para circulação das bicicletas são adequados e o ciclista é respeitado.

A capital da Dinamarca, é referência absoluta no uso da bicicleta. Possui um sistema que a integra com ônibus e metrô. Lá, no ano passado, o governo publicou um levantamento em que (acredite!) 62% da população faz o trajeto para o trabalho ou instituição de ensino de bicicleta, 21% utiliza transporte público e apenas 9% anda de carro nessas ocasiões. Os dados são confirmados através de todas as campanhas de conscientização feitas na cidade, oferecendo locais apropriados para guarda das bicicletas e com regulamentações.

* Estudante de jornalismo 3º período. ■

I Feira de Mecanização

Agrícola da UFRRJ

Divulgação



O Grupo de Automação, Mecanização e Máquinas Agrícolas (Gamma) promoveu, nos dias 7 e 8 de junho, a I Feira de Mecanização Agrícola no Instituto de Tecnologia (IT/UFRRJ). Com cerca de 100 inscritos, o evento contou com apresentação dos projetos desenvolvidos pelo Grupo, exposição de máquinas agrícolas (foto), palestras com engenheiros das empresas *John Deere* e *AGCO*, além de minicursos ministrados pelos docentes da área.

II Seminário de Estágio Supervisionado em Educação Física da UFRRJ

De 19 a 21 de julho, na sede do Departamento de Educação Física e Desportos (DEFD/UFRRJ). Evento gratuito e aberto à participação de alunos de graduação matriculados ou não na Atividade de Estágio Supervisionado e professores da Educação Básica. Certificados serão emitidos aos participantes. Mais informações e inscrições em <https://goo.gl/YWdauo>.

Rural promove capacitação para o Sipac

Cerca de 200 servidores da UFRRJ, entre técnicos-administrativos e docentes, participaram no dia 27 de junho do primeiro módulo de capacitação para o Sistema Integrado de Patrimônio, Administração e Contratos (Sipac), com foco em processos e memorandos. O curso aconteceu no Salão Azul, Pavilhão Central (P1), no câmpus Seropédica.

Ministrado pelos técnicos da Coordenadoria de Tecnologia da Informação e Comunicação (Cotic), em parceria com a Coordenadoria de Desenvolvimento de Pessoas (Codep), o treinamento tem carga horária de três horas e concede certificado aos participantes. A previsão é de que todos os câmpus da Universidade sediarem, em breve, o curso de capacitação para o Sipac.

Freixo discute direitos humanos em debate na Universidade

CCS/UFRRJ



No dia 19 de junho no Auditório Gustavo Dutra/P1, aconteceu o debate “Direitos Humanos e Democracia” que contou com a presença do presidente da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj), Marcelo Freixo.

O debate abordou o cenário político atual, além dos últimos acontecimentos da Universidade, como os casos de estupro no campus de Seropédica, a violência de gênero e a falta de segurança. Foi apresentada uma pareceria da Comissão de Direitos Humanos com a UFRRJ, uma ação pensada de forma conjunta que engloba a Secretaria de Segurança da cidade de Seropédica, o Núcleo de Mulheres da região e a Defensoria Pública do Município.

O debate contou com a presença de alguns pró-reitores e do reitor da Universidade, Ricardo Berbara. O auditório, que comporta mais de 500 pessoas, lotou com a presença de um público variado. A participação de professores e estudantes da Rural, de outras universidades e de moradores da Baixada Fluminense ficou evidente nas perguntas feitas ao deputado. No final, Freixo foi fotografado com alunos e chegou a transmitir o evento ao vivo em suas redes sociais.

Moção de Congratulações para mestrando da Rural

Riyuzo Ikeda Junior, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas (PPGDT/UFRRJ), recebeu uma Moção de Congratulações e Elogio concedida pela Câmara de Vereadores do município de Itaguaí. A premiação, que aconteceu no dia 16 de maio, resulta das pesquisas de campo realizadas por Ikeda para a dissertação “Gestão Social e Controle Social no Bairro Carioca de Santa Cruz e Itaguaí - RJ: Um Olhar Sobre o Desenvolvimento Local no Território dos Megaempreendimentos”.

Rural Semanal

Reitor: Ricardo Luiz Louro Berbara | **Vice-Reitor:** Luiz Carlos de Oliveira Lima | **Pró-Reitora de Assuntos Administrativos:** Amparo Villa Cupoillo | **Pró-Reitora de Assuntos Financeiros:** Norma Sueli Martins | **Pró-Reitor de Assuntos Estudantis:** Cesar Augusto Da Ros | **Pró-Reitor de Graduação:** Joecildo Francisco Rocha | **Pró-Reitor de Extensão:** Roberto Carlos Costa Lelis | **Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação:** Alexandre Fortes | **Pró-Reitor de Planejamento, Avaliação e Desenvolvimento Institucional:** Roberto de Souza Rodrigues || **COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL | Coordenadora de Comunicação Social:** Fernanda Barbosa | **Coordenadora substituta de Comunicação Social:** Alessandra de Carvalho | **Jornalistas:** João Henrique Oliveira, Michelle Carneiro e Ricardo Portugal | **Estagiários:** Beatriz Rodrigues e Thais Chaves | **Capa:** Patrícia Perez | **Projeto Gráfico:** Patrícia Perez | **Diagramação:** Alexandre Souza e Patrícia Perez | **Imagens:** Freepick e Freelmages || **Redação:** BR 465, Km 47, UFRRJ, Pavilhão Central, sala 131. Seropédica, RJ. | CEP: 23897-000 | Tel: (21) 2682-2915 | E-mail: comunicacao@ufrrj.br | Portal: www.ufrrj.br

